

Professores da Esalq condenam cultura do trote em depoimento

JP teve acesso a declarações dos docentes durante a comissão que apura violações de direitos humanos

Felipe Ferreira
felipeferreira@jpjournal.com.br

O Jornal de Piracicaba teve acesso à íntegra do depoimento dos professores da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), durante a 12ª audiência da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) que apu-

Reunião ocorreu na Alesp (Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo)

ra trotes e as violações de direitos humanos nas universidades do Estado. A reunião aconteceu antontem na Alesp (Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo), onde os docentes ouvidos condenaram a cultura do trote. No ato, o deputado Adriano Diogo (PT), presidente da comissão, ouviu Antônio Ribeiro de Almeida Junior,



Deputado Adriano Diogo é o presidente da CPI que apura trotes violentos em universidades pa

Marcos Vinícius Folegatti e Beatriz Appezzato da Glória.

O primeiro a depor foi Almeida Junior, que afirmou que uma das raízes do problema está no consumo deliberado de bebidas alcoólicas. "A imposição ao consumo de álco-

ol é recorrente, o que é agravado pelo fato que, quando 'embebedadas', as pessoas fazem coisas que jamais fariam em sã consciência."

No entendimento do professor, o trote não cumpre o papel de integrar os alunos. "Pen-

so que o trote segrega os estudantes e, a partir disso, questiono o papel da universidade em permiti-lo. A instituição não deve ceder seu espaço para a realização de eventos onde o trote vai ocorrer. Aos olhos da lei, o trote é uma tortura e a

universidade também deve entendê-lo desta forma", disse Almeida Junior.

Durante a CPI, o professor explicou as duas fases do trote. "Na primeira, o aluno que recebe é obrigado a permanecer calado e obedecer. Na outra, ele age como um soldado e é obrigado por seus 'superiores' (outros alunos) a aplicar o trote nos novatos e aqueles que se negam são humilhados e punidos."

Se dirigindo ao diretor da Esalq Luiz Gustavo Nussio, que acompanhava a audiência na plateia, Almeida Júnior criticou uma fala em que, segundo ele, o diretor afirmava não haver a necessidade de novas medidas para conter o trote. "Me espantei com tal declaração do senhor, da qual discordo profundamente e gostaria que nos explicasse melhor o que quis dizer."

Marcos Vinícius Folegatti, também prestou depoimento. O docente era, em 2002, prefeito do campus quando uma aluna foi abusada sexualmente por



O trote é uma tortura e a universidade também deve entendê-lo desta forma



Antônio Ribeiro de Almeida Junior, professor da Esalq

oito estudantes durante a festa em uma república. "Na época, a aluna pediu apenas que os autores retirassem da internet o texto onde havia a descrição dos atos cometidos contra ela."

A professora Beatriz Appezzato da Glória afirmou ter ficado surpresa com a convocação e disse esperar que a CPI tenha um resultado positivo.